

## TRÊS HOMENS E UMA PONTE

Sandy Snavely

Aponte passou a ser uma espécie de boa amiga para mim. Quando comecei a atravessá-la todas as manhãs a caminho do trabalho, ela era o sinal de que minha longa viagem estava quase no fim. Porém, depois de algum tempo, comecei a observar as pessoas que a atravessavam a pé. A Ponte de Ross Island é uma das poucas de Portland que permite o trânsito de pedestres e de veículos. Havia um jovem negro por quem eu passava quase todas as manhãs. Seu rosto inteligente e bonito demonstrava determinação e motivação. Comecei a orar por ele, por seu dia e por sua vida.

Quando não o via na ponte, eu me preocupava. Agora, ele não passa mais por ali. Eu gostaria de saber onde ele está, como está. Seria um estudante? Teria terminado o curso no colégio? Teria ficado doente por ter enfrentado os dias frios e impiedosos do inverno? Ou teria comprado um carro e passara a percorrer diariamente, como eu, aquele trecho sobre quatro rodas?

Há também o homem idoso que, vez por outra, é visto carregando uma enorme cruz de metal no ombro e um cartaz nas costas onde se lê: "Jesus salva o pecador do inferno". Sinto sempre um nó no estômago quando o vejo. Ele não é uma pessoa por quem eu possa orar com tanta facilidade como oro por meu jovem amigo negro.

Talvez porque minha fé não seja tão ousada quanto a dele. Talvez porque a cruz que ele carrega, embora aparentemente grande e pesada, seja transportada com a ajuda de um carrinho com rodas.

Existe alguma coisa naquela cena que me deixa perturbada.

Mas a imagem que está gravada mais fundo em minha memória é a de um homem sem teto e seu cão. O homem estava com a barba

por fazer e os cabelos desgrenhados. Usava uma velha jaqueta de camuflagem do exército, calça e botas militares. Seus cabelos eram compridos e ainda não tinham tons grisalhos de velhice. Sua mochila era muito pesada, forçando seus ombros para a frente. Embora a cena fosse comum naquele local, cheguei à conclusão de que era o cão que transmitia tanto amor a ela. Era um cão Labrador preto, grande, velho e visivelmente leal. Também carregava uma mochila. A mochila tinha bolsos, cujos pesos eram distribuídos proporcionalmente de cada lado do corpo. O homem e seu cão deixavam transparecer uma imagem comovente de verdadeira amizade. Quantas vezes em minha vida eu desejei que meus fardos fossem carregados de maneira tão carinhosa.

Meu jovem amigo negro me fez pensar em orar em seu favor, porque ele era carente, espiritualmente falando. O senhor idoso com a cruz ilustrou de modo cruel a necessidade de bondade e de autenticidade quando falo de minha fé. Mas foi o homem sem-teto e seu cão que me fizeram lembrar do profundo anseio que cada alma sente, do grito de cada coração: ter alguém ao nosso lado cujo amor seja tão incondicional e tão desinteressado que se

recuse a censurar ou julgar os "comos" e os "porquês" da carga, mas que nos acompanhe e nos ajude a carregar nosso fardo. Existe um enorme privilégio tanto em se ter uma carga para carregar como em ser o carregador da carga, tanto em necessitar de ajuda como em prestar ajuda.

Em minha caminhada pela vida, sei que haverá muitas pontes para eu atravessar. Quer seja tentando prosseguir, quer lutando ao lado de um amigo para chegar ao outro lado, vou guardar em meu coração as preciosas lições que aprendi com os três homens e a ponte.